
MOVIMENTOS SOCIAIS E INSATISFAÇÃO SOCIAL

Nildo Viana*

Os movimentos sociais só existem por causa da existência de insatisfação social. Sem insatisfação social, não há movimento social. Assim, a insatisfação social é condição de possibilidade dos movimentos sociais e simultaneamente um dos seus elementos constitutivos. Por isso é importante realizar uma reflexão mais profunda sobre o que é insatisfação social, suas formas de existência, bem como sua relação com outros processos sociais relacionados com os movimentos sociais.

Os movimentos sociais só existem quando setores de um grupo social entram em fusão, ou seja, geram mobilização. Para que isso ocorra é necessária uma motivação (JENSEN, 2020). A motivação, por sua vez, remete para uma determinada situação geradora de insatisfação social. Assim, um movimento social é um movimento de um grupo social (não em sua totalidade, mas dos ativistas que fazem parte dele) gerado por determinada situação social específica que produz insatisfação social, senso de pertencimento e objetivos, e que se caracteriza por um processo de mobilização (Viana, 2016).

Assim, a insatisfação é necessária para o surgimento e reprodução de um movimento social. Se a insatisfação não existe ou deixa de existir, o movimento social também deixa de existir. Isso é mais fácil ocorrer para setores específicos dos movimentos sociais que podem ter seus objetivos alcançados, tal como uma organização mobilizadora que reivindica moradia num local delimitado e consegue o terreno reivindicado¹. Porém, para o movimento social como um todo, tal como o que luta por moradia, dificilmente

* Sociólogo, Filósofo, Professor da Universidade Federal de Goiás (UFG); Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Autor de diversos livros, entre os quais *“Os Movimentos Sociais”*; *“Juventude e Sociedade”*; *“Marx e os Movimentos Sociais”*; *“Karl Marx: A Crítica Desapiedada do Existente”*; *“A Dialética Revolucionária”*; *“As Esferas Sociais”*; *“A Pesquisa em Representações Cotidianas”*; *“Estado, Democracia e Cidadania”*; *“Cinema e Mensagem”*; *“A Esfera Artística”*.

¹ Sem dúvida, isso abre possibilidade de novas reivindicações, mas aí já não será mais a moradia ou terreno e sim outras necessidades.

sua insatisfação deixará de existir em todos os lugares no interior da sociedade moderna. E isso vale para outros movimentos sociais, tal como o feminino, o negro, o ecológico, etc. Então é fundamental entender sob forma mais aprofundada o problema da insatisfação social.

O Conceito de Insatisfação

O que é insatisfação? Esse termo é mais facilmente compreendido a partir da compreensão simultânea do seu antônimo, a satisfação. A satisfação e a insatisfação são reações humanas diante da realidade e podem ser conscientes, semiconscientes ou inconscientes e a realidade pode ser a cotidianidade, o trabalho, a família, as relações sociais, um programa de TV, a própria aparência física, uma dor de cabeça, a guerra noutro país, as ideias hegemônicas, as concepções do vizinho, a pornografia, a pedofilia, o humanismo, a filantropia, o comunismo, a autogestão, o liberalismo, o fascismo, a democracia, o amor romântico, as mulheres, os homens, a Rosa Luxemburgo, o Olavo de Carvalho, o perfume de alguém, o mau cheiro, a destruição ambiental, a moda musical, etc. Essa longa e contraditória lista de elementos da realidade que podem gerar insatisfação apenas aponta para a complexidade dessa reação humana e sua extensa variedade e diferenciação dependendo de quem são os insatisfeitos.

Essas reações são psíquicas, ou seja, internas, dos indivíduos, e podem ou não se externalizar. A insatisfação que é externalizada é mais facilmente perceptível, sendo manifesta. A insatisfação não externalizada é dificilmente perceptível pelos demais – em graus distintos dependendo do contexto e quem são os outros –, sendo oculta. Assim, a insatisfação na qual o indivíduo não externaliza é latente (para o indivíduo) e oculta (para os outros) e quando ele a externaliza é manifesta (para o indivíduo e para os outros). Por exemplo, um indivíduo satisfeito com o jantar pode externalizar sua satisfação elogiando a comida, ou, se estiver insatisfeito, pode fazê-lo criticando-a. Essa é uma reação consciente e que ocorre no caso de satisfação/insatisfação consciente. Se uma pessoa fica insatisfeita com um ato que cometeu no dia anterior, o que pode gerar incômodo, mas pode não ser totalmente consciente, sendo mais uma sensação, então isso dificilmente poderá ser externalizado (de forma consciente, mas pode ser sob formas que o indivíduo insatisfeito não tenha consciência, como agressividade sem motivo no contexto em que ela se manifesta). A insatisfação sexual, tal como já colocava Freud (1974), pode ser inconsciente e gerar ações cuja motivação o indivíduo não possui consciência. Nesse

caso, a insatisfação não será externalizada enquanto tal, ou seja, não se manifestará conscientemente para o indivíduo e não se externalizará para os outros.

Assim, a satisfação é uma reação psíquica agradável e a insatisfação uma reação psíquica desagradável diante da realidade. Elas são produtos das relações estabelecidas entre o indivíduo e a realidade (no sentido marxista do termo, o que inclui o corpo e a mente do próprio indivíduo em questão). Tanto a satisfação quanto a insatisfação podem variar em intensidade, pois o bem-estar pode ser mais ou menos intenso, assim como o mal-estar. E na vida concreta de um indivíduo não existe só insatisfação ou apenas satisfação, as duas coisas convivem e a última pode, por quantidade ou intensidade, compensar a primeira. E o que é satisfatório para um indivíduo, pode ser insatisfatório para outro. E, como se pode observar na lista anteriormente apresentada, um mesmo aspecto da realidade pode gerar satisfação para alguns indivíduos e insatisfação para outros. Uma vitória da seleção brasileira de futebol pode gerar satisfação para milhões de brasileiros (com distintas intensidades, dependendo do envolvimento com este esporte ou vínculos pessoais, entre outras determinações), indiferença para milhões de outros e insatisfação para uma parte menor que “torce contra”. Para os que torcem para a seleção perdedora é motivo de insatisfação.

Podemos sintetizar a reflexão realizada até agora apresentando as definições de satisfação e insatisfação. Podemos definir *satisfação como uma reação psíquica agradável diante da realidade*. Desta forma, entendemos que satisfação é uma relação do indivíduo com a realidade, que pode ou não ser externalizada, e que é uma reação psíquica que depende da realidade (no sentido que fornecemos anteriormente ao termo, não apenas como “realidade externa”, mas também “interna”), que gera bem-estar. *A insatisfação pode ser definida como reação psíquica desagradável diante da realidade*. A insatisfação é uma reação psíquica que ocorre devido a uma determinada relação do indivíduo com a realidade e que é desagradável, ou seja, geradora de mal-estar. Porém, é preciso ressaltar que a satisfação e a insatisfação se direcionam para aspectos da realidade e não em relação à sua totalidade. A satisfação com a totalidade da realidade significaria a felicidade plena e permanente, sem nenhuma forma de contrariedade, e a insatisfação total significaria uma vida insuportável, gerando provavelmente a busca morte. Esses dois casos extremos são praticamente impossíveis.

Porém, é preciso destacar que a satisfação e a insatisfação são aqui compreendidas como reações psíquicas, mas também podem ser entendidas como *ações efetivas*, como *realização*. A necessidade de dormir existe e um indivíduo pode ficar satisfeito ou

insatisfeito com cinco horas de sono efetivo. Nesse caso, “satisfeito/insatisfeito” são reações psíquicas. Contudo, a necessidade do sono requer sua satisfação no sentido de realização concreta. A necessidade de alimentação pode ser satisfeita, concretamente, com arroz e feijão, pois a fome cessará quando o indivíduo terminar de comer. Porém, mesmo a necessidade sendo satisfeita efetivamente, ele poderá ainda ficar insatisfeito psiquicamente, pois gostaria de outros alimentos. Aqui, a insatisfação é psíquica (embora tenha um elemento concreto, que é a necessidade de outros nutrientes que o organismo exige) e a consciência pode ampliar isso (tal como saber que precisa de outras fontes nutritivas), bem como processos sociais – como a propaganda – pode intensificá-la (ao assistir uma propaganda de algum sanduíche supostamente “delicioso” de um *fast food*, por exemplo). Aqui tratamos de satisfação e insatisfação como reações psíquicas agradáveis e desagradáveis, respectivamente. Porém, no caso de necessidades básicas (primárias e secundárias, tal como será colocado adiante), esses termos podem ter outro significado: realização ou irrealização de necessidades. A irrealização das necessidades básicas gera consequências que independem da satisfação ou insatisfação psíquica.

Nesse sentido, torna-se útil distinguir entre satisfação e insatisfação psíquicas e efetivas. A satisfação efetiva (realização) da necessidade de alimentação ocorre quando o indivíduo se alimenta e a insatisfação efetiva (irrealização) é quando ele não se alimenta. A satisfação efetiva pode gerar tanto satisfação quanto insatisfação psíquica, pois o indivíduo pode ficar contente por ter satisfeito sua necessidade ou vontade ou pode ficar descontente devido à forma, quantidade, etc., que se concretizou ou, ainda, por ser contra quem está “satisfeito”. A insatisfação efetiva tende a gerar insatisfação psíquica, mas em certos casos, mais raros, pode gerar satisfação psíquica. Esse é o caso da pessoa que não se alimenta (faz dieta) para emagrecer e fica contente pelo seu esforço e/ou resultados. Claro que isso gera consequências orgânicas (além do emagrecimento, pois pode gerar enfraquecimento físico, facilitar doenças, etc.) e psíquicas (embora, nesse caso, possa ser consciente ou insciente). O nosso foco, no entanto, é o caso da satisfação/insatisfação psíquica, que, no entanto, é inseparável da questão da satisfação/insatisfação efetiva. É por isso que no decorrer do texto ambas aparecerão.

Isso, no entanto, não encerra a discussão. A questão é mais complexa, pois existem distintas intensidades, formas, etc. de satisfação/insatisfação e, ao mesmo tempo, diferenciações e até mesmo “deslocamento”². E por esse motivo é necessário discutir

² Deslocamento é um termo psicanalítico que expressa o que ocorre quando um “desejo reprimido” não pode ser realizado, satisfeito, e, assim, é transferido para outro “objeto de desejo”. Em nossa concepção,

algumas questões complementares, como a insatisfação individual e social, a manipulação da insatisfação, etc.

A Insatisfação Individual

O conceito de satisfação, bem como o de insatisfação, remete para as necessidades e desejos. É necessário entender que o ser humano possui necessidades básicas, ou primárias, e necessidades secundárias, especificamente humanas (Viana, 2007). Essas necessidades precisam ser satisfeitas e, caso não sejam, geram efeitos físicos ou psíquicos prejudiciais aos seres humanos. As necessidades básicas, como comer, beber, dormir, reproduzir, precisam ser satisfeitas efetivamente e a sua insatisfação gera efeitos físicos prejudiciais (no caso da fome, por exemplo, inanição, facilitar o acometimento de várias doenças e até morte, dependendo do grau e forma da insatisfação), bem como efeitos psíquicos (a não satisfação efetiva da necessidade do sono gera desequilíbrios psíquicos, assim com a não satisfação das necessidades sexuais pode promover outros desequilíbrios psíquicos). As necessidades especificamente humanas, ou “secundárias”, constituem o que Marx denominou natureza humana (Marx; Engels, 1983; Marx, 1988; Marx, 1983). Para satisfazer efetivamente as necessidades básicas, o ser humano efetiva o trabalho e a cooperação, gerando a práxis e a socialidade, *que se tornam necessidades humanas*. A insatisfação efetiva dessas necessidades gera efeitos psíquicos prejudiciais, que, por sua vez, podem gerar efeitos físicos, tal como as doenças psicossomáticas³. É por isso que essas necessidades são radicais, são necessidades autênticas.

o deslocamento tem um significado próximo, mas com algumas pequenas diferenças: “o deslocamento é, na verdade, resultado da repressão dos desejos que cria o inconsciente e busca impedir sua manifestação, sendo, portanto, produto da repressão do inconsciente. Assim, quanto mais sonhar, fantasiar, etc., a energia pulsional se manifesta e não gera problemas psíquicos e reações doentias. Porém, a não manifestação do inconsciente (o que significa não só que os desejos instintuais são reprimidos, mas também sua manifestação esporádica no mundo onírico ou em pequenos atos cotidianos) gera o deslocamento”. Seria necessário acrescentar que “esse deslocamento pode ser percebido, por exemplo, no fanatismo religioso e em outras formas de ação humana, como os distúrbios psíquicos em geral, tais como a neurose, psicose, etc. Mas existe, segundo Freud, uma forma “positiva” de deslocamento, que é a sublimação. A sublimação seria um deslocamento para atividades socialmente úteis ou com fins elevados” (Viana, 2008, p. 49). Sem dúvida, é preciso esclarecer a reelaboração conceitual que se faz necessária nessa discussão, como, por exemplo, a diferenciação entre necessidades e desejos. O que é reprimido são as necessidades. O termo “desejo”, em Freud, e nos psicanalistas que seguem sua concepção, tem um sentido próximo ao de necessidade, mas que nós distinguimos, tal como se verá a seguir. Por outro lado, o nosso desenvolvimento intelectual e pesquisa provocaria outras mutações lexicais, abandonando expressões como “doentias”, etc. Uma nova edição dessa obra será encaminhada e esses problemas terminológicos serão resolvidos.

³ Esse processo é melhor compreendido através das contribuições da psicanálise. Freud traz alguns elementos importantes (1976; 1978), bem como Fromm (1969; 1975; 1979) e outros psicanalistas e pensadores influenciados pela psicanálise (Schneider, 1977). Dejours (1988) traz alguns elementos para

Além da insatisfação das necessidades radicais (primárias e secundárias), é possível considerar várias outras possibilidades de insatisfação efetiva. *As necessidades radicais podem gerar outras necessidades, não tão imperiosas quanto elas, que são as necessidades terciárias, bem como pode gerar pseudonecessidades.* As necessidades terciárias são derivadas e estão em coerência com as necessidades radicais. Por exemplo, a necessidade básica da alimentação, uma vez satisfeita, pode gerar a necessidade de uma satisfação superior, através da busca de alimentos mais saborosos, e a necessidade secundária de práxis (atividade teleológica consciente) pode gerar a necessidade de constituição de um ambiente mais adequado para sua concretização ou de mais tempo para dedicação a ela.

Até aqui tratamos da insatisfação efetiva de necessidades. Porém, pode existir também a *insatisfação de desejos*⁴. Os desejos assumem várias formas. Alguns desejos se aproximam das necessidades primárias por sua imediatividade. Assim, a necessidade de sono que requer sua imediata satisfação efetiva e o desejo de fumar também. Por outro lado, os desejos se aproximam das necessidades secundárias por serem posteriores à satisfação efetiva das necessidades básicas. A necessidade de manifestar a criatividade, por exemplo, só se manifesta livremente e com intensidade depois de satisfeitas as necessidades primárias, pois um indivíduo faminto centra suas preocupações na busca de alimentação. Da mesma forma, o desejo de escalar uma montanha, por sua vez, só pode surgir após a satisfação das necessidades básicas.

Os desejos são produtos sociais e históricos. Eles podem ser derivados e às vezes são coerentes com as necessidades humanas, mas também podem entrar em contradição com elas. Assim, o desejo de comprar um carro novo todo ano é diferente do desejo de ter um meio de locomoção para poder trabalhar e satisfazer suas necessidades básicas. Da mesma forma, o desejo de viajar para tirar fotos e mostrar que venceu a competição social é diferente do desejo de viajar para reencontrar uma pessoa que se ama. O primeiro desejo está relacionado com os mecanismos de reprodução da sociedade existente, com a sociabilidade capitalista, sendo contraditório com as necessidades humanas, e o segundo

perceber esse processo no caso do trabalho. A base da presente abordagem, no entanto, se encontra na psicanálise social (Viana, 2016; Viana, 2008).

⁴ Em *A Consciência da História* (Viana, 2007) apresentamos a ideia de existência de necessidades primárias, secundárias e terciárias e incluímos os desejos no interior dessas últimas, distinguindo entre necessidades terciárias autênticas e inautênticas. Porém, optamos, tal como se vê na terceira edição reformulada dessa obra (Viana, 2024), em distinguir entre anelos (necessidades terciárias, autênticas) e desejos, tal como apresentamos aqui.

é coerente com elas. Assim, *os desejos são manipuláveis e assim o faz a sociedade capitalista*. Além da fabricação e manipulação dos desejos, a sociedade capitalista gera desequilíbrios psíquicos, que, por sua vez, *geram outros tantos desejos em contradição com as necessidades humanas*. Esse é o caso do fenômeno do masoquismo. *Um masoquista deseja sofrer e isso entra em contradição com as necessidades humanas*.

Essas distinções são importantes para entender a questão da satisfação e insatisfação. A insatisfação e satisfação efetivas com as necessidades primárias são relativas às carências, incluindo coisas (alimentos, água, etc.) ou processos (sono, sexualidade, etc.) que faltam ou não faltam. A insatisfação e satisfação efetivas com as necessidades secundárias são relativas ao processo de autorrealização e, por conseguinte, ao desenvolvimento. Maslow colocou algo semelhante:

As satisfações de necessidade por *déficit* e as satisfações da necessidade de crescimento têm efeitos subjetivos e objetivos diferenciais sobre a personalidade. Se me permitem enunciar o que pretendo dizer aqui de uma forma generalizada, os termos são os seguintes: a satisfação de deficiências evita a doença; as satisfações do crescimento produzem a saúde positiva. Devo reconhecer que, no presente, isso será difícil de fixar para fins de pesquisa. Entretanto, existe uma verdadeira diferença clínica entre rechaçar ameaças ou ataques e o triunfo e a realização positivos; entre proteger, defender e preservar o eu e a ampliação do eu. Tentei expressar isso como um contraste entre viver plenamente e a preparação para viver plenamente, entre crescer e ser crescido (Maslow, s/d, p. 58)⁵.

Assim, temos as satisfações voltadas para a reprodução e as voltadas para a expansão ou desenvolvimento. Se estas formas de *satisfação efetiva* não se concretizam, temos a insatisfação efetiva acompanhada, geralmente, da psíquica. A insatisfação psíquica no processo de reprodução e a insatisfação psíquica no processo de desenvolvimento são as consequências dessa não satisfação efetiva. Porém, essas duas formas de insatisfação são o que podemos denominar “insatisfação intrínseca”, ou seja, *do indivíduo insatisfeito com algo em relação a ele*. Se um indivíduo sofre psiquicamente com a fome, com a sede, se está descontente com seu emprego por ser um trabalho alienado ou por não conseguir ganhar na loteria, trata-se de uma insatisfação intrínseca, ou seja, relacionada a ele mesmo, sendo algo que lhe falta. Existe, no entanto, a

⁵ Maslow recorda que Fromm (1978) distingue entre “prazeres inferiores” e “prazeres superiores”, os de escassez e os de abundância, que é uma abordagem semelhante a dele. Sem dúvida, Maslow acerta nessa questão, apesar de reproduzir elementos do campo linguístico da episteme burguesa, tais como “subjetivo” e “objetivo” (o que é quase inevitável, especialmente para quem não tem domínio da episteme marxista), mas se equivoca em outros pontos em sua obra, o que não é nosso objetivo discutir aqui. Uma crítica a Maslow, embora contendo exageros e problemas, foi apresentada por Jacoby (1977), bem como o vínculo de suas ideias com o processo de manipulação mercadotécnica foi explorado no documentário *O Século do Ego* (<https://www.youtube.com/watch?v=-CNWeCDNCcI>), especialmente nas duas últimas partes.

insatisfação extrínseca, que é aquela na qual *o indivíduo se sente insatisfeito com o que ocorre com outros seres humanos*. É o caso de um indivíduo humanista que fica insatisfeito com um ato de discriminação racial ou com a miséria dos mendigos, ou, ainda, com a truculência policial. Ou quando um neonazista fica insatisfeito com o excesso de judeus com cargos no governo. Numa sociedade fundada em classes sociais com interesses antagônicos, bem como classes, frações de classes, coletividades diversas (grupos sociais, comunidades, setores, etc.) que podem ter interesses opostos, a insatisfação assume várias formas, inclusive contrárias umas às outras.

Porém, até aqui tratamos da insatisfação individual. O indivíduo, como ser humano e social, em relação com suas necessidades, anelos e desejos. Sem dúvida, é uma questão de foco, pois isso ocorre na sociedade, por razões sociais, sendo percebido de acordo com as formas de consciência – constituídas socialmente – e que são processos sociais (o conjunto das insatisfações, na sociedade capitalista, é um produto social, pois não é resultado da dependência em relação à natureza, como no caso de algumas sociedades tribais). Ele pode ficar insatisfeito por não ter o que comer, não ter onde morar, não ter possibilidade de desenvolver sua criatividade, ou por não ter acertado na loteria para ficar rico. Resta, para entender a relação entre movimentos sociais e insatisfação social, entender esta última. Esse será o passo seguinte.

A Insatisfação Social

Assim como a insatisfação pode ocorrer no plano individual, tal como nos casos acima apontados, ela também pode ocorrer no plano coletivo, seja no âmbito de determinadas coletividades (etnias, comunidades, grupos, classes sociais, etc.) em relação a si mesmas ou em relação a outras coletividades. Isso ocorre quando uma necessidade não satisfeita (insatisfação efetiva) é compartilhada por um conjunto de indivíduos. A fome, por exemplo, atinge hoje milhões de pessoas, gerando uma insatisfação individual dos indivíduos esfomeados, que é, portanto, social, por ser compartilhada por eles.

A insatisfação social assume várias formas. Acima colocamos a insatisfação social por causa do compartilhamento de uma insatisfação básica por diversos indivíduos. Outra forma é quando uma coletividade (comunidade, grupos sociais, classe social, etc.) é atingida por uma insatisfação compartilhada por indivíduos que fazem parte dela por causa do pertencimento a ela. Um operário pode estar insatisfeito por produzir um excedente e este ser apropriado por um capitalista, mas se souber que enquanto pertencer

ao proletariado, isso é inevitável, perceberá que é um problema da classe e seu pertencimento a ela e, simultaneamente, que é um problema dele também. Um indígena pode estar insatisfeito com o governo por ele não proteger as terras indígenas demarcadas, mas sabe que isso remete ao seu pertencimento a coletividade de uma determinada tribo, e é por isso que isso o incomoda. Uma mulher pode estar insatisfeita com a forma como as mulheres são apresentadas nos programas de TV, mas sabe que esse é um problema que atinge a todas as mulheres e que sua insatisfação deriva do pertencimento a esse grupo social.

Assim, existem várias formas de insatisfação coletiva e que só são compreensíveis no contexto social mais amplo e gera não uma insatisfação consigo mesmo e sim com determinada situação social (exploração de classe, política governamental, imagem social da mulher, de acordo com os exemplos acima aludidos), pois o problema é identificado como algo externo e não interno. Essa forma de insatisfação é social por não ser considerado um problema individual e sim da sociedade ou de outros setores dela e que atinge uma coletividade ou é compartilhada por diversos indivíduos.

A insatisfação social pode ser *compartilhada, coletiva, difusa ou generalizada*. O caso dos esfomeados mostra uma insatisfação social compartilhada; o incômodo com a existência de milhões de famintos revela uma insatisfação social difusa, o racismo exemplifica uma insatisfação social coletiva (da população que sofre a discriminação racial) e uma pandemia ilustra uma insatisfação social generalizada. Essas formas de insatisfação social podem coexistir e se transformar. A insatisfação social compartilhada, como no caso do trabalho alienado, pode se tornar coletiva, caso aqueles que estão submetidos a ele adquiram consciência disso e pode ganhar a adesão de outros e se tornando difusa e, em um momento de ascensão de uma revolução social, pode se tornar generalizada (ainda que não totalmente).

A insatisfação social tem uma relação indissolúvel com a questão da situação social e com a consciência. Um indivíduo pode estar insatisfeito com a imagem que os filmes passam dos alienígenas, mas se for apenas um, não constitui uma insatisfação social. Se for quinhentos indivíduos, aí é uma insatisfação social. Porém, a insatisfação, para ser social, deve não só ser de mais de um indivíduo, mas deve remeter a uma situação social. Assim, se quinhentos indivíduos estão insatisfeitos com o seu penteado, isso é insatisfação individual. O penteado de alguns indivíduos pode incomodá-los, mas isso só geraria uma insatisfação social se todos os insatisfeitos tivessem o mesmo penteado e isso fosse uma imposição social (o que caracterizaria uma situação social). Isso significa que

uma insatisfação é social quando ela é uma reação psíquica de um conjunto de indivíduos e referente a uma situação social.

Um outro aspecto importante a ser considerado é que a insatisfação social (assim como a individual) pode ser *consciente ou insciente*. Existem situações sociais que geram insatisfação, como, por exemplo, o trabalho alienado, a violência física, o linchamento de indivíduos numa determinada cidade, uma novela de grande audiência, a imagem social dos alienígenas, entre milhões de outras. Porém, se essa insatisfação não é externalizada, mesmo que atinja milhões de indivíduos, não constitui uma insatisfação social consciente. Para se tornar insatisfação social consciente é necessário sua externalização, ou seja, a consciência e comunicação de sua existência. Se o filme “*São Paulo, Sociedade Anônima*” (Luiz Sérgio Pierson, Brasil, 1965), gerou insatisfação por parte da maioria dos que o assistiram, mas isso não foi comunicado, então é uma insatisfação social insciente. Porém, se isso se torna comunicado, via manifestações de rua, enquetes de jornais, postagens em redes sociais, etc., aí se torna consciente. Já o filme “*Branca de Neve*” (Marc Webb, EUA, 2025), foi amplamente criticado na internet e sofreu até proposta de boicote, o que demonstra uma insatisfação social em relação a ele.

Mais dois esclarecimentos são necessários para encerrarmos essa reflexão sobre a insatisfação social. O primeiro esclarecimento é sobre a distinção entre *insatisfação social intrínseca e insatisfação social extrínseca*. No caso da fome mundial, podemos dizer que existe uma insatisfação social intrínseca daqueles que estão passando fome e uma insatisfação social extrínseca por parte daqueles que não possuem esse problema e ficam insatisfeitos com a situação social dos famélicos⁶. Obviamente que essas duas formas assumem formas e intensidades distintas.

O segundo esclarecimento é a respeito da distinção entre *insatisfação social legítima e ilegítima*. A legítima é aquela que corresponde à natureza humana, é justa ou que não prejudicam outros seres humanos desnecessariamente. A ilegítima é, por conseguinte, aquela que prejudicam outros seres humanos desnecessariamente, é injusta (para outras pessoas diretamente ou que trazem benefício para quem reivindica às expensas de outros, mesmo que indiretamente), ou contrárias à natureza humana. Se os pedófilos estão insatisfeitos com as leis contra a pedofilia, é uma insatisfação social, mas

⁶ Entenda-se, aqui, por esse termo, aqueles que passam fome prolongada, seja sob forma sequencial ou periódica. Isso é distinto das pessoas que, ocasionalmente, ficam famintas. É preciso recordar que a insatisfação social intrínseca dos famélicos é a psíquica, que, por sua vez, é resultado da insatisfação social efetiva, ou seja, da falta de acesso à alimentação.

é ilegítima. Da mesma forma, se os estudantes estão insatisfeitos com o autoritarismo nas escolas, é uma insatisfação social legítima. Isso remete para a questão de que grande parte das insatisfações sociais na sociedade capitalista são fabricadas artificialmente. A fabricação de desejos é constante e está ligada aos interesses das empresas capitalistas e sua necessidade de reprodução ampliada do mercado consumidor. Por outro lado, a competição social, a mercantilização e a burocratização das relações sociais, emergem inúmeras manifestações de insatisfações sociais ilegítimas, bem como outras relacionadas com os desequilíbrios psíquicos gerados pela sociedade capitalista.

Movimentos Sociais e Insatisfação Social

Após a reflexão geral sobre insatisfação, tanto individual quanto social, é possível aprofundar a questão da sua relação com os movimentos sociais. A relação entre movimento social e insatisfação social não é uma novidade. No fundo, geralmente as discussões sobre movimentos sociais abordam a questão da insatisfação social, de uma forma ou de outra, usando esse termo ou outros. No entanto, na contemporaneidade, as concepções de movimentos sociais geralmente não tratam da insatisfação social, nem usando esse termo, nem usando outros que poderiam trazer um significado próximo. Isso é derivado da cegueira ideológica promovido por determinados paradigmas e ideologias, que jogam para fora da análise parte da realidade, por não se encaixar em seus modelos, especialmente o paradigma subjetivista (Viana, 2019). As concepções sobre movimentos sociais que abordaram a questão da insatisfação social – usando outra terminologia e focalizando em alguns aspectos dela – foram, principalmente, as abordagens pioneiras dos movimentos sociais. Assim, termos como “carências sociais”, “privação”, entre outros, são usados para explicar os movimentos sociais (Gohn, 2002). Gusfield, por exemplo, usa “privação” e “descontentamento”:

Não existe uma relação unilinear simples entre as dificuldades experimentadas por um grupo e o desenvolvimento de movimentos sociais em direção à mudança. O princípio da privação relativa, no entanto, explica de alguma forma a relação entre a perda experimentada (ou a ameaça de perda) e a expressão e organização do descontentamento. A pesquisa mostrou que a situação absoluta de um grupo não é tão importante para gerar e focar o descontentamento quanto a percepção do que é justo, esperado e possível. As revoluções podem ocorrer, e muitas vezes ocorrem, depois que os setores revolucionários da população melhoraram sua posição econômica. Dadas as crescentes expectativas do grupo, a nova situação pode parecer ainda mais angustiante do que a anterior. Em certos casos, o medo de perder o que recentemente foi conseguido, pode semear e aumentar a inquietação. Por outro

lado, a perda do *status* anterior pode influenciar a criação de movimentos sociais que tentam restaurar a situação anterior. Este foi um dos fatores do desenvolvimento do sindicalismo inglês: a industrialização ameaçava apagar as fronteiras entre o trabalho artesanal e mão-de-obra não qualificada, prejudicando assim o trabalhador qualificado (GUSFIELD, 2022, p. 182).

Gusfield aponta para a questão da relação entre descontentamento e movimentos sociais, mas sua concepção de movimentos sociais é muito ampla e, por conseguinte, engloba movimentos de classes, movimentos políticos, etc. No entanto, o que nos interessa aqui é a percepção do autor de que existe um “descontentamento” e que este está relacionado com uma “privação relativa”. Esse é um exemplo de uma “quase percepção” da questão da insatisfação social⁷.

A existência de um movimento social requer um grupo social⁸ que esteja insatisfeito com uma determinada situação social. Se assim não fosse, não haveria motivo para existir um movimento social. Se a população negra estivesse satisfeita com as relações sociais e raciais, com a sociedade, não teria motivo para gerar o movimento negro. O mesmo vale para todos os outros movimentos sociais, inclusive lembrando que a insatisfação social pode ser legítima ou ilegítima. O movimento racista norte-americano, por exemplo, tem sua insatisfação ligada às conquistas ou posições dos negros na sociedade estadunidense. Logo, a sua insatisfação é ilegítima. Se um setor do movimento feminino prega o extermínio dos homens por culpabilizar os indivíduos do sexo masculino por todos os males que atingem as mulheres, é uma insatisfação ilegítima, pois parte de uma concepção equivocada das razões da subordinação e do sexismo contra as mulheres que gera uma solução igualmente equivocada.

Porém, é preciso esclarecer qual é a insatisfação social que está por detrás dos movimentos sociais. A insatisfação social que gera movimentos sociais atinge os grupos sociais. Os grupos sociais, a partir de certas situações sociais, desenvolvem uma insatisfação grupal. Essa insatisfação grupal remete a uma situação social que atinge o grupo social, diretamente ou indiretamente. Assim, em uma sociedade marcada por um alto grau de racismo, como os Estados Unidos, temos uma situação social geradora de insatisfação social para a população negra desse país. O sexismo, por sua vez, gera uma situação social de insatisfação para as mulheres. As condições precárias de estudo, por sua vez, atingem os estudantes e geram insatisfação. A insatisfação das necessidades

⁷ O descontentamento é a insatisfação social psíquica e a privação relativa é a insatisfação social efetiva.

⁸ Não custa recordar que se trata de grupos sociais corporais, situacionais e culturais (Viana, 2016).

básicas ou sua satisfação precária, por sua vez, atinge vários grupos urbanos e rurais, que, por sua vez, incentivam a existência de movimentos sociais populares.

Assim, é relativamente fácil identificar algumas situações sociais geradoras de insatisfação social para os grupos sociais. Porém, não é apenas o racismo que gera insatisfação social grupal na população negra, assim como não é apenas o sexismo que gera no grupo social das mulheres. Um grupo social pode ficar insatisfeito com distintas relações sociais. O mesmo ocorre com os grupos sociais situacionais, de forma ainda mais evidente, como o movimento estudantil e os movimentos sociais populares.

Porém, no caso dos grupos sociais culturais há uma diferença. Trata-se de um grupo social cujo elemento em comum é o mais frágil. O movimento ecológico, o movimento pacifista, o movimento de libertação animal, são movimentos sociais que possuem como grupo social de base os indivíduos que possuem em comum uma determinada causa ou projeto. Nesse sentido, os grupos sociais corporais e situacionais emergem a partir de uma insatisfação social intrínseca, enquanto que os grupos sociais culturais geralmente emergem a partir de insatisfação social extrínseca ou relativamente intrínseca em alguns casos. Nesse último caso, alguns setores podem ter uma insatisfação intrínseca, tal como pessoas atingidas diretamente pela destruição ambiental (movimento ecológico), indivíduos convocados para o exército em momentos de guerra (movimento pacifista), etc. Os adeptos do movimento de libertação animal, por sua vez, possuem uma insatisfação social extrínseca sem possibilidade de ser intrínseca.

O que gera a insatisfação social de ecologistas, pacifistas, ativistas do movimento de libertação animal? Não é a situação social dos ativistas, a não ser em certos casos, como já colocamos⁹. A destruição ambiental, real ou ilusória, é o que gera a insatisfação daqueles que se unem a partir da causa ecológica. E o que unifica e gera o grupo social dos ecologistas é essa situação e a insatisfação derivada dela. O mesmo vale para os demais. O que significa dizer que a destruição ambiental pode ser real ou ilusória? Quer

⁹ Aqui, é claro, com a exceção do caso do movimento de libertação animal. Um ecologista pode ser atingido diretamente por algum problema ambiental, tal como no caso de morar numa grande cidade com alto grau de poluição ou no caso do chamado “esquentamento global”, apesar das controvérsias ao seu respeito. Sem dúvida, parte dos casos depende da concepção a respeito da destruição ambiental e dos seus impactos, que pode ir desde as posições catastrofistas até as mais moderadas. A esse respeito se pode considerar, por exemplo, o impacto do relatório do Clube de Roma em 1972 com seu catastrofismo (Meadows et al. 1973; Mattick, 2020). É preciso, no entanto, distinguir, no caso do movimento pela libertação animal, a motivação para adesão a tal causa, que pode ser pessoal (a morte de um animal doméstico que gera sofrimento e comoção) da insatisfação que está explicitada nas reivindicações e demandas do movimento. Essas últimas são extrínsecas. Não custa ressaltar que existem outros grupos culturais e os exemplos aqui apresentados visam apenas ilustrar a complexidade da questão e diferenças internas.

dizer que a interpretação do fenômeno identificado como destruição ambiental pode ser verdadeira ou falsa e que, independentemente disso, gera insatisfação e mobilização. A ameaça de guerra pode gerar ativistas pacifistas, mas ela pode ser pouco realista. Ou seja, a situação pode ser ilusória, mas cria insatisfação e mobiliza da mesma forma. Assim, quando Orson Welles e uma emissora de rádio noticiou uma “invasão alienígena” inexistente, isso promoveu (para aqueles que não ouviram a introdução explicativa de que se tratava de uma adaptação de um romance, *A Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells) comoção e ações de um grande número de pessoas. A invasão alienígena não existia, mas se as pessoas acreditam nela, vão agir de acordo com o que acreditam. Isso vale para certas “insatisfações” que acometem certos setores dos movimentos sociais. A ideologia e o imaginário criam concepções ilusórias que são mobilizadoras (Viana, 2013) e isso atinge os ativistas dos movimentos sociais, sendo fonte de mobilizações sociais.

Aqui entramos na relação entre consciência e insatisfação social. Milhões de pessoas estão insatisfeitas com o trabalho alienado, mas não possuem consciência disso, por não compreenderem o que significa alienação. A insciência do que gera uma insatisfação pode provocar seu deslocamento da situação geradora para outra situação, para outros indivíduos ou grupo social. Por outro lado, determinadas ideologias e doutrinas, podem, e geralmente o fazem, gerar insatisfação social ilegítima com determinadas relações sociais¹⁰. Assim, para indivíduos portadores de uma concepção racista, a ascensão social de indivíduos negros pode gerar insatisfação. Da mesma forma, se os pedófilos naturalizam a pedofilia, isso pode gerar insatisfação destes em relação às leis restritivas contra essa prática. É possível multiplicar os casos em que isso pode ocorrer, tal como o uso de cores diferentes para simbolizar os sexos, azul para homens e cor-de-rosa para mulheres, pode gerar, partir de determinada interpretação, insatisfação social ilegítima (porquanto se tratar apenas de uma convenção social que simboliza os sexos por cores distintas, pois, se ganhar outra conotação, aí a situação se modifica, tal como considerar que o azul é superior, por exemplo).

A consciência, inseparável de valores, sentimentos, interesses, etc., pode considerar insatisfatório coisas bem diferentes, dependendo de qual é ela e quem são os seres conscientes que a geraram. É por isso que a insatisfação pode ser minimizada ou intensificada, o que remete para a questão da consciência, mas também de outros

¹⁰ A insciência pode contribuir com esse processo, pois indivíduos insatisfeitos, mas sem consciência da causa de sua insatisfação, podem ser convencidos, por ideologias ou doutrinas, da existência de uma falsa causa, o que pode gerar a canalização do seu descontentamento para o foco de tais concepções.

processos psíquicos que podem ser despertados ou ocultados por ela, bem como situações sociais que geram maior insatisfação efetiva (aumento do desemprego, por exemplo). Assim, muitos vão considerar que o trabalho alienado gera uma insatisfação universal e mais importante do que a questão da libertação animal, mas outros podem pensar o contrário. A fome, para alguns, é mais importante como problema social e gera mais insatisfação do que o debate sobre se as mulheres devem ou não usar roupas curtas. Alguns ficam satisfeitos com as roupas curtas das mulheres, outros ficam insatisfeitos. Algumas mulheres ficam insatisfeitas por serem conservadoras e considera isso “imoral” e outras porque isso seria “objetificação do corpo feminino”. Existem mulheres que defendem o uso de roupas curtas baseando-se no credo liberal do “meu corpo, minhas regras” e na “liberdade individual” irrestrita ou, outras ainda, por serem contra a “dominação masculina”. Assim, a questão atinge as mulheres, mas dependendo de sua consciência, com suas concepções, valores, etc., elas vão se posicionar sob forma diferente sobre a mesma fonte de “insatisfação” de algumas pessoas.

Ou seja, a consciência é fundamental quando se trata de determinadas insatisfações. No caso do uso de roupas curtas pelas mulheres, a consciência individual ou de certos setores da sociedade, podem gerar insatisfação por motivos diferentes – e até opostos – e satisfação, também por motivos diferentes. No caso da fome, a consciência tem menos peso, pois quem a sente está natural e imediatamente insatisfeito, pelo menos individualmente, e quem não a sente pode se dividir entre os indiferentes e os insatisfeitos (extrínsecos). Um Thomas Malthus, pode, por exemplo, criar uma ideologia (a sua famosa “lei da população”) para naturalizar a fome e com isso livrar as pessoas da insatisfação extrínseca¹¹. Assim, mesmo que a consciência, nesse caso, tenha um peso menor, ela também é fundamental para despertar ou não a insatisfação extrínseca. No caso da insatisfação intrínseca, a importância da consciência se desloca para a identificação das determinações (“causas”) da fome (insatisfação efetiva geradora de insatisfação psíquica) e soluções para esse problema. No caso de Malthus, ao naturalizar a fome, descartou a necessidade de busca de soluções e sua condenação da “lei dos pobres” é coerente com tal concepção.

Por outro lado, na consciência dos indivíduos, o que vai variar de acordo com suas concepções, valores, sentimentos, interesses, informações, senso de pertencimento

¹¹ Cf. Malthus, 1996. Marx efetivou uma crítica forte a esse ideólogo: cf. Marx, 1985; Marx, 1988; Viana, 2006.

grupal, entre outras determinações, determinadas situações sociais são mais importantes que outras (trabalho alienado, fome, desemprego, discriminação de grupos sociais, posições religiosas, roupas curtas, imagem dos alienígenas, etc.). Essa hierarquia não é algo “dado”, é formado na mente do indivíduo a partir dessas diversas determinações, que, por sua vez, são determinadas pelas relações sociais (hegemonia cultural, interesses de classe, meios oligopolistas de comunicação, ação do aparato estatal, instituições educacionais, fundações internacionais, etc.).

Para emergir um movimento social é preciso que haja uma insatisfação social consciente e que ela seja referente a um grupo social. Isso significa que não se trata de insatisfação individual, pois é necessário que se compreenda que se trata de um problema do grupo social ou que ele busca resolver¹². É por isso que é necessário que seja uma insatisfação social consciente. O elemento da consciência se manifesta no que se refere à percepção de pertencimento ao grupo social (senso de pertencimento) ou preocupação externa com ele, ao elemento gerador de insatisfação e suas determinações, bem como aos objetivos do grupo ou apoiadores externos, o que remete às reivindicações e propostas para satisfação do que emerge como insatisfação.

A Manipulação da Insatisfação Social

A questão da relação com os objetivos ajuda a entender a questão da insatisfação social e como ela pode ser manipulada ou desvirtuada. Uma coisa é a insatisfação social que emerge com o surgimento de um movimento social e outra coisa é o seu desenvolvimento. A insatisfação social que está na origem do movimento social pode sofrer acréscimo de outras ou ser substituída, ou, ainda, ser mais especificada ou ampliada. Por exemplo, o movimento feminino emergiu com uma insatisfação social em relação ao problema da subordinação da mulher na sociedade moderna, mas no início do século 20 emerge o sufragismo, uma tendência que coloca como objetivo uma questão bem mais restrita, que é o direito ao voto feminino.

Um movimento social, depois de consolidado, gera setores que criam interesses próprios e em alguns casos estes podem substituir a insatisfação social que o originou por

¹² É possível, ainda, que um indivíduo perceba que se trata de uma situação social determinada que gera a insatisfação grupal, mas que a solução não se encontra no movimento social e sim em movimentos políticos, partidos, organizações, governos, movimento operário, etc. Nesse caso, há consciência da situação e insatisfação derivada, mas se considera que a solução não remete ao movimento social e sim a outros setores da sociedade.

outra, vinculada a tais interesses. O processo de burocratização e mercantilização das relações sociais tende a gerar essa criação de interesses próprios de setores dos movimentos sociais. O vínculo com o aparato estatal e com empresas também pode reforçar a criação de interesses próprios em setores dos movimentos sociais. Esse é o caso de ativistas que se organizam através de pautas e programas governamentais ou então iniciativas empresariais. Ideologias e discursos hegemônicos também afetam os ativistas e sua orientação reivindicatória.

Assim, percebe-se que é possível haver a manipulação da insatisfação social por ideologias, doutrinas, empresas, governos, partidos, meios de comunicação, indivíduos influentes, etc. A existência de uma população negra numerosa e com poder de consumo, por exemplo, pode ser elemento para manipulação da insatisfação social. O aparato estatal e/ou o capital comunicacional, entre outros, podem tentar canalizar a insatisfação social dessa população em relação ao processo eleitoral ou políticas segmentares, ou questões meramente culturais, como “representatividade”, que traz a ilusão de algo mudou, sem nada ter mudado¹³.

Outra forma de manipulação da insatisfação social ligada aos movimentos sociais é a fabricação de desejos. Esse processo se iniciou no regime de acumulação conjugado, coincidindo com a consolidação dos movimentos sociais, e se intensificou com o passar do tempo até chegar ao regime de acumulação integral. A fabricação de desejos foi nomeada como “necessidades fabricadas”:

A nossa sociedade moderna desenvolveu ainda uma outra coisa que nunca existira antes. Ela produz não só bens, mas também necessidades. O que quero dizer com isso? As pessoas sempre tiveram necessidades. Sempre tiveram que comer e beber. Sempre quiseram viver em lares atraentes, e assim por diante.

¹³ A situação social da maioria da população negra, de pertencimento às classes inferiores e de pobreza, gera uma insatisfação social e a canalização desta para questões culturais significa trocar o problema real por um problema aparente. A presença de indivíduos negros numa propaganda de um *resort* de luxo significa que, no reino da “representatividade” e propagandístico, há dois negros e dois brancos, 50% de negros (ou negras, pois a questão da mulher complexifica o problema racial, assim como vários outros entrelaçamentos grupais), mas na realidade, na maioria dos casos é menos de 10% e nada muda nessa realidade. Assim, a representatividade significa maquiagem a realidade e ainda oferece uma *insatisfação social substituta* que desvia a luta por uma real superação da *insatisfação social real*. Ter dois indivíduos negros (masculinos e/ou femininos) traz uma satisfação, mesmo que isso seja apenas na propaganda e a situação real continue a mesma. Uma das justificativas para tal proposta é que ela diminuiria o racismo, ao mostrar indivíduos negros com *status* e renda superior. Porém, se esquece que isso também pode gerar a ilusão de uma melhoria que não ocorreu efetivamente e ainda acirrar a intensificação do racismo e sua expansão ao se tornar alvo dos racistas que podem realizar contrapropaganda atingindo outros setores da população, especialmente numa sociedade competitiva. Isso significa, em síntese, que os supostos benefícios são anulados por outros efeitos que ocorrem com sua efetivação. O pior efeito, no entanto, é desviar a insatisfação social das determinações que a geram para questões secundárias e ainda ligadas a valores burgueses (ascensão social, *status*, renda).

Mas se olharmos hoje à nossa volta, notaremos a importância crescente que a publicidade e a embalagem têm adquirido. É raro que os desejos ainda nasçam no íntimo das pessoas; os desejos são despertados e cultivados desde fora. Mesmo alguém que desfruta de abundância sentir-se-á pobre ao se defrontar com a plethora de artigos que os publicitários querem que ele queira. Não há dúvida alguma de que a indústria consegue criar necessidades que logo se prepara para satisfazer, que terá, na verdade, de satisfazer se pretende manter-se viva no atual sistema, pois em tal sistema a produção de um lucro é o teste de viabilidade. O nosso presente sistema econômico baseia-se na máxima produção e no máximo consumo (Fromm, 1986, p. 28)¹⁴.

A fabricação de desejos é um processo manipulatório e Fromm destaca a questão do consumo. A ideia de paraíso, para o homem moderno, segundo ele, não é o paraíso maometano, onde estaria cercado por belas mulheres, e sim uma “gigantesca loja de departamentos” (Fromm, 1986)¹⁵. A moda, a publicidade, os meios oligopolistas de comunicação, a competição social, entre outras determinações, fabricam o desejo de consumo. Porém, a fabricação de desejos vai além do consumo de mercadorias e mercancias.

A fabricação de desejos é facilitada na sociedade capitalista contemporânea não apenas por causa dos recursos tecnológicos e força do capital transnacional, capital comunicacional e outras instituições, mas, também, pela existência de uma grande parte da população que já superou a busca de satisfação das necessidades primárias, mas não conseguem satisfazer suas necessidades secundárias, gerando uma forte insatisfação, efetiva e insciente, ao lado de um conjunto de satisfações substitutas, atingindo inclusive as necessidades primárias. A satisfação das necessidades primárias não é um problema para a maioria da população dos países capitalistas imperialistas e para uma parte da população no capitalismo subordinado, pois o seu nível de renda, elemento determinante para o consumo dos bens necessários para a sobrevivência, a permite.

Por outro lado, a repressão sexual, sendo que a sexualidade seria a única dessas necessidades que estariam submetidas ao controle moral mais intenso¹⁶, sofreu uma diminuição a partir da emergência da psicanálise e, mais ainda, a partir do regime de

¹⁴ A esse respeito, indicamos novamente o documentário *O Século do Ego* (<https://www.youtube.com/watch?v=-CNWeCDNCcI>).

¹⁵ Hoje seria um *shopping center*. Aliás, isso foi tematizado no filme de George Romero, *A Madrugada dos Mortos*, onde os fugitivos dos zumbis se encontram reclusos num *shopping center* e apesar deste estar cercado por mortos-vivos, um dos protagonistas afirma que “está no paraíso”.

¹⁶ A moral cristã, por exemplo, condena não apenas manifestações da sexualidade, mas também a gula e outros processos sociais que são do âmbito das necessidades primárias. Porém, além do recuo geral da moral cristã a partir do regime de acumulação conjugado, ela acabou assumindo formas mais moderadas, bem como as demais morais religiosas.

acumulação conjugado, o que se intensifica no regime de acumulação integral. A razão disso se encontra na mercantilização da sexualidade, o que gera mercadorias (desde as revistas pornográficas até a criação dos *sex-shops*, passando pela tentativa de criação de uma nova “profissão”, a sexologia, entre muitos outros exemplos que poderiam ser citados), que passa a ser tema dos meios oligopolistas de comunicação e um dos principais recursos da publicidade e propaganda generalizada.

As novas ideologias que emergem com o paradigma subjetivista, apropriando-se do freudismo e gerando novas concepções sobre sexualidade, invadem também as universidades e passa a influenciar cada vez mais setores da juventude (inicialmente das classes superiores, mas depois chega aos jovens das classes inferiores também, mais lentamente e com maior resistência nesse caso). Além disso, a “nova moral sexual”, para recordar título de obra de Alexandra Kollontai (1982), mas com outro significado, se expande a partir de 1945 e se intensifica após 1968, quando a contrarrevolução cultural preventiva (Viana, 2009) busca assimilar ideias da cultura contestadora e revolucionária das lutas do final da década de 1960, bem como se altera, se tornando ainda mais liberal, a partir de 1980¹⁷. O desenvolvimento tecnológico e os novos métodos contraceptivos, por sua vez, também facilitou o processo de liberação sexual¹⁸.

Assim, temos um processo em que as necessidades primárias já não são, para grande parte da população mundial, a preocupação fundamental e as necessidades secundárias não são efetivadas por causa da essência da sociedade capitalista, fundada na exploração e dominação de classe e, sob forma derivada do modo como concretiza isso, na competição, mercantilização e burocratização, o que impede o desenvolvimento da práxis e da socialidade, que são marginalizadas na sociedade e na vida individual. Nesse contexto, temos uma profunda insatisfação efetiva que gera uma intensa insatisfação psíquica insciente, pois ao mesmo tempo que os indivíduos estão liberados da

¹⁷ Mais liberal em duplo sentido: a) mais “livre”, inclusive pelo motivo de que sexo e sexualidade são mercadorias e mercancias a serem exploradas, vendidas e consumidas; e b) no sentido do liberalismo, com seu individualismo e defesa de “liberdade individual”. “Em nome da ‘autonomia’ das pessoas e do direito de ‘controlar seu próprio corpo’, defende-se o ‘direito’ à prostituição e ao tráfico de mulheres para fins de prostituição. Essa ideologia liberal se impôs pouco a pouco” (Poulin, 2005, p. 44).

¹⁸ Obviamente que isso não quer dizer que a repressão sexual deixou de existir. No fundo, é uma questão complexa e um compromisso entre repressão e liberalização, bem como com variações e complexidade derivada das relações sociais. Por exemplo, milhões de indivíduos não conseguem a satisfação efetiva dessa necessidade primária, seja por estarem submetidos a setores da sociedade com alto grau de moral sexual repressiva, seja por não terem dinheiro e isso ser “condição de possibilidade” para tal (um indivíduo do sexo masculino desempregado encontra dificuldade em atrair mulheres, o que pode ser ainda mais difícil se sua aparência física não colaborar, para citar apenas um caso concreto entre milhares de outros).

preocupação com as necessidades básicas e podem desenvolver as necessidades secundárias, estão impedidos de satisfazer estas e isso gera desequilíbrios psíquicos, tédio, etc.

Nesse contexto, emerge o fenômeno generalizado da evasão. A “luta contra o vazio” (Rojas, 1986) se torna uma constante. Fromm (1976) tratou disso nos países capitalistas imperialistas da Europa, durante o regime de acumulação conjugado, mostrando o alto índice de uso de drogas e suicídio em sociedades que as necessidades primárias não eram mais a preocupação básica dos indivíduos. *A riqueza material convivia com a miséria psíquica*. A insatisfação das necessidades secundárias convivendo com recursos e tempo geram a busca da evasão (Viana, 2022). As drogas, os jogos eletrônicos, o futebol, a televisão, são alguns dos mecanismos de evasão. Sem dúvida, a evasão em alguns momentos da vida tem o significado de permitir um certo descanso e despreocupação, mas se torna um problema quando é cansativo (não possibilitando o descanso) ou excessivo. Quando isso ocorre, há uma enorme insatisfação, já que as necessidades autênticas não são atendidas e a satisfação substituta é geradora de outros problemas (que varia dependendo de qual forma de evasão se trata, podendo gerar cansaço, irritação, descontrole emocional, ansiedade, etc.).

É nesse contexto que emerge a manipulação da insatisfação social. O capital se aproveita do vazio que toma conta de grande parte da população para gerar novas mercadorias e mercancias, buscando novas fontes de lucro. A televisão, o cinema, as drogas (legais e ilegais, leves ou pesadas), a pornografia, etc. se expandem e, mais recentemente, a internet e as redes sociais virtuais são outras formas de evasão. A sexualidade, a necessidade primária mais manipulável, se torna alvo da mercantilização, burocratização e manipulação.

Assim, através dos aparatos estatais, capital comunicacional, instituições, se realiza uma ampla manipulação da insatisfação social. Essa manipulação consiste em desviar a insatisfação social em relação às necessidades secundárias para os desejos, que são mercantilizados e burocratizados, marcados pela competição. A manipulação canaliza a insatisfação social para formas de satisfação substituta que não satisfazem e ainda geram nova insatisfação, gerando desequilíbrios psíquicos, violência, etc.

E a questão é como isso atinge os movimentos sociais. Ora, *os ativistas dos movimentos sociais são indivíduos dessa sociedade e estão submetidos às suas relações, processos de reprodução e dinâmica*. Embora o ativismo possa desviar e diminuir o vazio, não resolve o problema e pode, ele mesmo, se tornar um problema. Pois os ativistas

podem *descarregar suas insatisfações no processo de luta social e, ao fazê-lo, desvirtuá-lo, gerar agressividade e outros processos.*

Outros, obviamente, buscarão a satisfação substituta e, assim, realizarão a valoração da riqueza, do poder, do *status*, etc., desviando-se dos objetivos do grupo social de base do movimento. Outro elemento vinculado é a consciência dos ativistas, gerados nessa e para essa sociedade. Assim, muitos homens podem condenar o “casamento monogâmico”, defender o “amor livre”, o que é “progressista”, mas, em grande parte dos casos, é apenas expressão de uma concepção consumista que se estende para a questão da sexualidade e um subterfúgio para o “consumo sexual” desenfreado, sem vínculos afetivos reais e sem satisfação mais ampla, para além do ato sexual em si, que se torna vazio ou apenas elemento de competição social.

E isso emerge com a aparência de “reivindicação social” e meta progressista e avançada. Alguns defendem tais propostas por realmente acreditarem nisso, mas outros o fazem por oportunismo. A meta de uma sexualidade livre e satisfatória para os seres humanos é parte do projeto revolucionário, mas a sua concretização na sociedade capitalista é impossível, pois os seres humanos são limitados pela sociabilidade dessa sociedade, a sua mentalidade (com desequilíbrios psíquicos variados, valores e sentimentos dominantes dessa sociedade, etc.) não permite que isso ocorra e as tentativas nesse sentido não passam de versões trágicas de uma revolução sexual ainda não realizada. Sem dúvida, podem existir algumas exceções que se aproximam do ideal, mas sua generalização para a sociedade capitalista é algo impossível.

Porém, o capital e o aparato estatal buscarão se aproveitar desses processos para realizar a cooptação de setores dos movimentos sociais e, através deles, influenciar o movimento como um todo. Assim, ao invés do movimento feminino lutar pela libertação da mulher¹⁹, luta pela realização de satisfações substitutas e desejos, tal como uma melhor

¹⁹ O que significaria que o indivíduo do sexo feminino pudesse se realizar plenamente como ser humano, ou seja, satisfazer suas necessidades radicais (primárias e secundárias). Claro que para isso se efetivar seria necessário também alterar as relações sociais entre os sexos, mas isso está subentendido no processo de libertação, já que tais relações são determinadas pela forma de sociedade nas quais elas se estabelecem. Sem dúvida, as lutas reivindicativas no interior da sociedade capitalista são necessárias, mas se tornam problemas quando são absolutizadas e justificadas por ideologias e doutrinas que não ultrapassam os seus limites ou quando as reivindicações são nocivas ao processo de luta pela transformação social (voltadas para demandas ilegítimas, satisfações substitutas, vinculadas a cooptação, etc.). Quando as lutas das mulheres não ultrapassam as questões especificamente femininas – que são existentes por causa das relações sociais dessa sociedade, como questão de *status*, emprego, nível salarial, aborto, violência doméstica, “representatividade”, etc. – ficam nos limites do contexto social gerador delas e não vislumbra, assim, sua real superação e muito menos permite à mulher um pleno desenvolvimento como ser humano. Sem dúvida, algumas dessas reivindicações são legítimas e necessárias, outras nem tanto. O problema

posição na competição social (“empoderamento”, por exemplo), suposta “liberdade sexual”²⁰, entre outros problemas. Por outro lado, emergem ideologias e doutrinas que *transformam as satisfações substitutas em finalidade das lutas e movimentos sociais*. O paradigma subjetivista, no caso do capitalismo contemporâneo, promove a proliferação de diversas ideologias, doutrinas, correntes de opinião (Viana, 2019), que tomam como base o ser humano com sua insatisfação social insciente, para reorientá-lo rumo a satisfações substitutas.

Esse processo é mais complexo e envolve diversas outras questões. Contudo, abordar isso requer uma análise mais ampla da questão dos movimentos sociais no capitalismo contemporâneo, comandado pelo regime de acumulação integral, o que não é nosso objetivo no presente artigo. O que interessa destacar é que existe uma manipulação da insatisfação social no capitalismo e que ela se amplia com o desenvolvimento capitalista e, ao se efetivar, atinge os movimentos sociais, seja de forma direta e intencional, como em alguns casos, seja de forma indireta e inintencional, como em outros casos. Esse problema fulcral da sociedade capitalista perpassa os movimentos sociais e a sua resolução passa por uma transformação total e radical das relações sociais, o que tais movimentos são incapazes de fazer. Eles poderiam, desde que superassem a manipulação, colaborar com esse processo, mas isso só poderia ocorrer com sua aproximação com o bloco revolucionário e o movimento operário. Isso também é tema para outra oportunidade, devido sua complexidade e extensão.

Considerações Finais

A insatisfação social é um elemento fundamental para compreender os movimentos sociais. historicamente, esse aspecto foi discutido desde as concepções pioneiras sobre movimentos sociais (algumas vezes com o uso do termo “insatisfação”, mas às vezes com outros termos, como “descontentamento”, “frustração”, etc.). Para entender essa relação entre movimentos sociais e insatisfação social é necessário um entendimento mais amplo do significado desse último termo. Por isso iniciamos com o

reside em identificar de forma equivocada suas reais raízes e soluções, especialmente a ilusão de que isso possa ser resolvido no interior do capitalismo.

²⁰ Não poderemos abordar aqui a questão da falsa “liberdade sexual” que supostamente foi conquistada com a chamada “revolução sexual” dos anos 1960 ou com as “novas liberdades sexuais” da contemporaneidade e sua falsidade. Isso será abordado em outra oportunidade.

conceito e a discussão sobre insatisfação individual e social para, posteriormente, tratar da relação e do processo de manipulação da insatisfação social.

Um elemento fundamental que emerge dessa discussão remete para a questão do fortalecimento dos movimentos sociais: a satisfação efetiva das necessidades primárias e a insatisfação efetiva das necessidades secundárias, o que é um elemento característico do capitalismo em certas circunstâncias. A satisfação ou não das necessidades primárias varia com a classe social (as classes superiores e os estratos superiores das classes inferiores conseguem tal satisfação, mas isso sofre alterações dependendo da época e país), país (os países de capitalismo imperialista conseguem atender tais necessidades numa parcela maior da população e os de capitalismo subordinado uma parcela menor, o que varia de acordo com a época e possui diferenças internas em países específicos), época (em momento de estabilidade e curso ascendente da acumulação de capital, uma parcela maior da população tem suas necessidades primárias atendidas e em melhor qualidade, em momentos de instabilidade e de crise, com um curso descendente da acumulação de capital, essa parcela diminui e em certos casos aumenta drasticamente), regiões em cada país, etc.

Isso explica que as lutas das classes inferiores são mais ligadas às necessidades primárias e secundárias. Porém, a luta concreta gira mais em torno das necessidades primárias, por produzirem insatisfação social consciente. Elas, no entanto, se encontram entrelaçadas, tal como na luta operária por melhores salários (a vitória dessa reivindicação permite uma satisfação mais adequada das necessidades primárias) que é acompanhada de desenvolvimento de formas de solidariedade, por melhores condições de trabalho (que, mesmo sem ser o objetivo principal, acabam se inserindo nas reivindicações e objetivos de um movimento grevista, por exemplo). Alguns setores da intelectualidade, da juventude, da classe operária e outras classes inferiores, elegem as necessidades secundárias como principal, articulando ou não com as necessidades primárias. No caso das classes superiores, embora as necessidades secundárias sejam marginalizadas e em alguns aspectos sejam satisfeitas, mesmo que precariamente (em alguns casos, de forma mais ampla; em outros de forma mais restrita)²¹.

²¹ Um artista, por exemplo, tem melhores condições de desenvolvimento algumas necessidades secundárias, tal como a criatividade. Um músico, um pintor, um poeta, podem desenvolver sua criatividade. Contudo, isso é relativo. O artista, na sociedade capitalista, tem que se submeter ao “mercado” (as relações de distribuição capitalistas, incluindo o mercado consumidor), ao Estado, ao que é hegemônico culturalmente, às diversas formas de controle social. Por conseguinte, a sua criatividade se manifesta parcialmente e precariamente. Isso é ainda mais verdadeiro se os seus valores são axiológicos e seu objetivo é o sucesso, pois assim vai ceder ao capital comunicacional (que, diretamente, se manifesta para

Os movimentos sociais surgem no vácuo dos movimentos de classes sociais. A força dos movimentos sociais cresce com o processo de recuo da luta operária e de outras classes inferiores, que geralmente ocorre quando as necessidades primárias são relativamente atendidas e/ou a hegemonia burguesa é forte. A grande insatisfação efetiva (e psíquica insciente) passa a ser com as necessidades secundárias. Essa é uma questão que vai atingido os estratos superiores das classes inferiores em certos contextos, tal como já atingia as classes superiores. Porém, o capitalismo não pode atender tais necessidades devido à essência das relações de produção capitalistas (fundada na exploração, dominação e alienação que impede o processo de desenvolvimento da práxis e socialidade) e da sociabilidade capitalista (caracterizada pela mercantilização, burocratização e competição social) e por isso os movimentos sociais se fixa em reivindicações mais específicas e vinculadas ao cultural e questões grupais.

Essas novas reivindicações dos movimentos sociais se vinculam com formas de insatisfação específicas que, no entanto, não são as secundárias. Muitas dessas insatisfações são legítimas, mas ocorrem no interior do capitalismo e sua solução é praticamente impossível, embora paliativos e substitutos ilusórios, especialmente legais e culturais, sejam geralmente utilizados para determinar dos objetivos dos movimentos sociais. Porém, ao lado disso emergem insatisfações ilegítimas e satisfações substitutas que acabam sendo um desvio da luta fundamental pela satisfação das necessidades primárias e secundárias. No primeiro caso, o que é preciso é reorientar a luta para articular as insatisfações específicas legítimas com a luta pela transformação radical e total das relações sociais, o que remete par questão das tendências dentro dos movimentos sociais (Viana, 2016) e para a questão da consciência e estratégia. No segundo caso, é necessário a crítica e a superação, o que pode esbarrar em interesses pessoais e setores cooptados dos movimentos sociais. Contudo, isso está envolvido na luta de classes e na luta cultural que ocorre no interior da sociedade capitalista e sua resolução passa pelo esclarecimento, mas vai além, pois envolve valores, sentimentos, concepções, interesses e, nesse sentido, é mais difícil e complexa do que parece.

Essas e outras questões derivadas precisam ser analisadas com mais profundidade e para isso novas pesquisas devem ser realizadas. O nosso objetivo foi realizar uma

ele como capital fonográfico, galerias, editoras, etc.) e ao “mercado consumidor” (um músico não vai produzir música que lhe satisfaz e permite desenvolver sua criatividade e sim aquilo que o público quer e consome, que é condicionado pelo capital comunicacional). Os artistas assalariados ou contratados terão que se submeter ao controle capitalista, etc. Isso vai variar dependendo do artista, dos seus objetivos e valores, do contexto histórico, das suas condições de trabalho e produção, etc.

reflexão sobre insatisfação social e movimentos sociais. Para efetivar isso, foi necessário aprofundar a reflexão sobre a questão da insatisfação social e, posteriormente, relacioná-la com os movimentos sociais. Derivadas das reflexões aqui apresentadas, emergem novas questões. No entanto, julgamos ter concretizado nosso objetivo de promover alguns esclarecimentos sobre a relação entre insatisfação social e movimentos sociais.

Referências

DEJOURS, Christophe. *A Loucura do Trabalho*. Estudo de Psicopatologia do Trabalho. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 1988.

FREUD, Sigmund. A moral sexual civilizada e o nervosismo moderno. In: FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 09. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. *Inibições, Sintomas e Ansiedade*. São Paulo: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na Civilização. O Futuro de Uma Ilusão*. Rio de Janeiro, Abril Cultural, 1978.

FROMM, Erich. *A Anatomia da Destrutividade Humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FROMM, Erich. *Análise do Homem*. 10ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FROMM, Erich. *Do Amor à Vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

FROMM, Erich. *Meu Encontro com Marx e Freud*. 7ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

FROMM, Erich. *O Coração do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

FROMM, Erich. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. 8ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais. Paradigmas Clássicos e Contemporâneos*. 3ª edição, São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GUSFIELD, Joseph. O Estudo dos Movimentos Sociais. *Revista Movimentos Sociais*, vol. 03, num. 04, 2022. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rms/article/view/730>. Acesso em: 4 jan. 2026.

JACOBY, Russell. *Amnésia Social. Uma Crítica à Psicologia Conformista de Adler e Laing*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

JENSEN, Karl. *Que Fazer?* Goiânia: Edições Redelp, 2020.

KOLLONTAI, Alexandra. *A Nova Mulher e a Moral Sexual*. 5ª edição, São Paulo: Global, 1982.

MALTHUS, Thomas. *Ensaio sobre População*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARX, Karl. Elementos Fundamentais Para La Crítica de la Economia Política (Grundrisse). Vol. 02, 10ª edição. México: Siglo Veintiuno, 1985.

MARX, Karl. *O Capital*. 3ª edição, vol. 01. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MASLOW, Abraham H. *Introdução à Psicologia do Ser*. Rio de Janeiro: Eldorado, s/d.

MATTICK, Paul. *Capitalismo e Ecologia*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.

MEADOWS, Donella H.; MEADOWS, Dennis L.; RANDERS, Jorgen; BEHRENS III, W. W. *Limites do Crescimento: Um relatório para o projeto do Clube de Roma sobre o dilema da humanidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

POULIN, Richard. Quinze Teses sobre o Capitalismo e o Sistema Mundial de Prostituição. In: FARIA, Nalu; POULIN, Richard. ***Desafios do Livre Mercado para o Feminismo***. São Paulo: SOF, 2005.

ROJAS, Enrique. *O Homem Moderno. A Luta contra o vazio*. São Paulo: Mandarim, 1986.

SCHNEIDER, Michael. *Neurose e Classes Sociais. Uma Síntese Freudiano-Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

VIANA, Nildo. *A Consciência da História. Ensaaios sobre o Materialismo Histórico-Dialético*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

VIANA, Nildo. *A Consciência da História. Ensaaios sobre o Materialismo Histórico-Dialético*. 3ª edição, Goiânia: Edições Enfrentamento, 2024.

VIANA, Nildo. A Sociedade da Evasão. In: FERREIRA, Ezequiel; FREITAS, Patrícia; MELLO, Roger (orgs.). *Psicologia e Desenvolvimento. Pesquisa e Atuação*. Rio de Janeiro: E-Publicar, 2022.

VIANA, Nildo. A Teoria da População em Marx. *Boletim Goiano de Geografia*. UFG, v. 26, n. 2, jul./dez./2006.

VIANA, Nildo. Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas. Curitiba: CRV, 2019.

VIANA, Nildo. Imaginário e Ideologia: As Ilusões nas Representações Cotidianas e no Pensamento Complexo. *Revista Espaço Livre*, vol. 08, num. 15, 2013. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rel/article/view/602>. Acesso em: 4 jan. 2025.

VIANA, Nildo. Inconsciente Coletivo e Materialismo Histórico. Florianópolis: Bookess, 2016.

VIANA, Nildo. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.

VIANA, Nildo. *Os Movimentos Sociais*. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

VIANA, Nildo. *Universo Psíquico e Reprodução do Capital*. Ensaios Freudo-Marxistas. São Paulo: Escuta, 2008.

Resumo:

Um dos elementos constitutivos e geradores dos movimentos sociais é a insatisfação social. Sem insatisfação social, não há movimento social. Isso significa que, para compreender mais adequadamente os movimentos sociais, é necessário entender a insatisfação social. Nesse sentido, abordamos o conceito de insatisfação, a insatisfação individual e social e, a seguir, relacionamos movimentos sociais e insatisfação social, além de apresentar considerações sobre a questão da manipulação da insatisfação social que atinge os movimentos sociais.

Abstract:

One of the constitutive and generating elements of social movements is social dissatisfaction. Without social dissatisfaction, there is no social movement. This means that, to understand social movements more adequately, it is necessary to understand social dissatisfaction. In this sense, we address the concept of dissatisfaction, individual and social dissatisfaction, and then relate social movements and social dissatisfaction, in addition to presenting considerations on the issue of the manipulation of social dissatisfaction that affects social movements.

Abstraktaĵo:

Unu el la konstituaj kaj generaj elementoj de sociaj movadoj estas socia malkontento. Sen socia malkontento, ne ekzistas socia movado. Tio signifas, ke por pli adekvate kompreni sociajn movadojn, necesas kompreni socian malkontenton. En ĉi tiu senco, ni traktas la koncepton de malkontento, individua kaj socia malkontento, kaj poste rilatigas sociajn movadojn kaj socian malkontenton, krom prezenti konsiderojn pri la temo de la manipulado de socia malkontento, kiu influas sociajn movadojn.

Resumen:

Uno de los elementos constitutivos y generadores de los movimientos sociales es la insatisfacción social. Sin insatisfacción social, no hay movimiento social. Esto significa que, para comprender mejor los movimientos sociales, es necesario comprender la insatisfacción social. En este sentido, abordamos el concepto de insatisfacción, tanto individual como social, y luego relacionamos los movimientos sociales con la insatisfacción social, además de presentar consideraciones sobre la manipulación de la insatisfacción social que afecta a los movimientos sociales.